a verbalização do antidemocrático

The verbalization of the undemocratic

Ícaro Carvalho[1]

Resumo: Este trabalho almeja analisar dois períodos da história brasileira partindo do ponto de vista de presos políticos, até análise psicanalítica do trauma deixado pela violência, como pode ser visualizado nos escritos em questão. Através de suas narrativas autobiográficas, Eneida e Mário Lago discorrem sobre seus anos no cárcere em dois diferentes momentos antidemocráticos da história brasileira: as eras Vargas e Militar. Enquanto Eneida compila suas memórias no cárcere em crônicas no livro *Aruanda*, Mário Lago narra no livro *Reminiscências do sol quadrado* a sua prisão política. Ambos textos retratam e refletem sobre as condições da cultura e da sociedade em períodos ditatoriais, sendo a análise comparativa entre os dois e entre o contexto político-social o principal objetivo deste trabalho.

Palavras-chave: Antidemocrático; Eneida, História; Mário Lago; Memórias.

Abstract: This paper aims to analyse two Brazilian historical moments from the political prisoner's point of view, until the psychanalytical analysis of the trauma implied by the violence, as can be seen in these two texts. Through autobiographical narratives, Eneida and Mario Lago discuss about their years in prison in two different antidemocratic moments in the Brazilian history: Vargas and Military ages. While Eneida compiles her memories in chronicles presented in the book *Aruanda*, Mário Lago narrates in the book *Reminiscências do sol quadrado* his political prison. Both texts portray and mirror about the conditions of culture and society in dictatorial moments, being the comparative analyses between these two texts and between the socio-political context this work's main goal.

Keywords: Undemocratic; Eneida; History; Mário Lago; Memories.

---

1 Mestrando em Letras pela UFRGS.

*Artigo recebido em 30/05/2019 e aprovado para publicação em 15/09/2019.

A história brasileira encontra-se permeada por períodos em que a democracia não ocupou um lugar central no jogo social. O domínio da Coroa portuguesa estabeleceu-se como principal força durante séculos, dificultando avanços comerciais, tecnológicos e sociais, seja com impostos altos sobre indústrias locais, seja com leis que delimitavam pouco espaço para manifestações dos que residiam no Brasil. A tomada da pátria para os seus próprios residentes foi, antes de tudo, conturbada, fazendo com que o país, mesmo com as dinâmicas políticas pré-estabelecidas durante certo período, acabasse por experimentar eleições democráticas e liberdade de expressão considerável durante algumas décadas. A situação de patamar durante a Era Vargas torna a aparecer de forma semelhante em 1964, quando estabelece-se a ditadura militar brasileira.

Tanto para Vargas quanto para os militares, a liberdade de expressão foi vista como uma artimanha de seus opositores que deveria ser amplamente combatida. Por conta disso, prisões, torturas e interrogatórios formavam um mecanismo dentro de um sistema que visava obter delações sobre supostas sabotagens ao regime imposto. Muitas dessas violências foram denunciadas no âmbito literário, aparecendo muitas vezes na literatura brasileira, em obras sobre relatos das épocas ditatoriais, sobre o cárcere em si ou ainda sobre as consequências dessas violências, como morte de parentes, desaparecidos nunca encontrados, exílios ou fugas. Alguns desses relatos vêm ganhando popularidade nos últimos anos, como mostra o intenso número de publicações ou reedições; apesar disso, há também aqueles que parecem ser esquecidos ou negados gradativamente ao longo dos anos. Dois exemplos deste "esquecimento" são os livros *Aruanda* (1957), de Eneida, e *Reminiscências do sol quadrado* (1979), de Mário Lago; ambos tratam do cárcere sofrido pelos autores durante períodos ditatoriais no Brasil: Eneida na Ditadura Vargas e Mário Lago durante a ditadura militar instaurada em 1964.

Há poucos estudos acerca desses escritos, apesar disso *Aruanda* e *Reminiscências do sol quadrado* revelam aspectos distintos em alguns momentos, semelhantes em outros. Em todo o caso, as obras expressam muitos caracteres biográficos e ficcionais, e por isso podem ser lidos como literatura e como experiências históricas importantes para compreender os contextos. Eneida foi importante cronista, jornalista e escritora brasileira nascida no ano de 1904 em Belém, Pará, e falecida na capital do Rio de

Janeiro em 1971. Em dado momento de sua vida, ela viajou para o Rio de Janeiro, abdicou do sobrenome do marido e passou a assinar seus escritos nos jornais cariocas apenas com seu primeiro nome. Ela foi presa por se envolver na oposição à ditadura de Getúlio Vargas; no cárcere encontra com importantes mulheres da história brasileira, cujo sofrimento é descrito em suas crônicas.

Mário Lago foi um ator, escritor, roteirista, compositor e radialista que nasceu em 1911 na cidade do Rio de Janeiro e lá faleceu em 2002. Ele desempenhou importante papel de formação, criação e desenvolvimento cultural não apenas da cultura carioca, mas também nacional, na divulgação de novelas e peças. Também propagou a cultura de classes que antes não possuíam tanto acesso e, muito por influência do samba, tornou-se uma personalidade conhecida na então capital federal. O reconhecimento de Lago não foi o suficiente para livrá-lo da prisão que ocorreu após algumas apresentações teatrais durante os primeiros anos da ditadura militar dos anos 1960. Apesar disso, beneficiou-se de seu prestígio durante seu cárcere, recebendo tratamento diferenciado. Desta experiência, resultou o livro de memórias supracitado.

o contexto

Eneida, na sua crônica "A revolução de 1930", narra o seguinte episódio:

> [...] Já estávamos preparados para dormir quando sentimos estranho movimento na rua, geralmente silenciosa e triste: gente correndo, cornetas tocando, nosso vizinho fardado num vaivém agitadíssimo, automóveis indo e vindo, ordens dadas em vozes altas e ríspidas. Que teria havido? Chegamos todos à janela. Estava acontecendo alguma coisa importante. Isso não havia dúvida, mas que seria? Apenas eu sabia – sempre gostei de saber coisas da política – que se esperava um movimento insurrecional em todo o país, e que aqui e ali muitos focos da revolução haviam já explodido. Sabia da existência da Aliança Liberal e de seus desejos. (ENEIDA, 1957, p. 54-55)

A esta altura da narrativa, Eneida deveria contar com cerca de 25 anos de idade e narra aqui os princípios da chamada "Revolução de 30". Antes do

excerto acima, o irmão da autora admite estar aliado contra o governo de Washington Luís. A violência contra os opositores já era intrínseca aos governos antes mesmo de Getúlio Vargas tomar o poder, com a sua épica viagem de trem até o Rio de Janeiro. A casa de Eneida fora alvo de depredação até mesmo durante o período democrático e, com o sucesso da "Revolução de 30", as repressões passaram a ser ainda mais intensas.

Eneida mudou-se para o Rio de Janeiro, onde tem uma experiência muito maior do que as confusões nas ruas de Belém vistas no excerto, pois é justamente neste mesmo período que Getúlio Vargas assume o país como presidente em 1930, permanecendo no cargo por quinze anos. Sete anos após tomar posse, Getúlio instaura o Estado Novo, apertando ainda mais o cerco contra aqueles que poderiam desafiar o poder do presidente, iniciando perseguições, prisões e desaparecimentos que acabaram por afetar diretamente a vida da cronista paraense por conta de suas convicções políticas e opositoras do governo instaurado.

Eneida e Mário Lago se assemelham na posição de presos políticos, mesmo que seus recortes históricos sejam distintos. Enquanto Eneida rememora o Estado Novo, Lago relembra os primeiros dias da ditatura militar brasileira na cidade do Rio de Janeiro através do recorte que segue:

> Foi na noite de 2 de abril de 1964 que me invadiram a casa, doze metralhadoras aumentando o vulto dos homens que participavam da operação, bombas de gás lacrimogênio sacolejando nas cinturas como balangandãs ou contas de rosário, já que tudo se agigantara à entrada de tanta gente. Não era minha primeira prisão nem seria a última, coisa que digo sem orgulho, a bem da verdade, pois cadeia não é crachá provando mérito nem título que enriqueça currículo. Na maioria das vezes – salvo se em ação ou consequência de denúncia – houve erro, descuido ou subestimação da paciência do inimigo. (LAGO, 2014, p.9)

A partir do excerto, podemos notar distinções acerca dos dois livros aqui analisados. Primeiramente, Eneida narra os antecedentes no início do livro, enquanto Mário Lago parte do exato momento em que os militares invadiram sua casa. Ainda, o autor cita um detalhe que percorre toda a obra: a subestimação dos militares. Também é possível notar que, no princípio

do movimento militar, a ditadura ainda não era levada a sério por seus opositores, como aparece no trecho:

> Erro em cima de erro, como se vê, mas erro que não terá sido somente meu, pois foram muitos os que se deixaram prender em casa, alguns até na tranquilidade da cama, não poucos em propriedades que tinham distante daqui, achando que isso representava qualquer segurança. Tudo fruto de uma ilusão generalizada. Por que ficar esquentando a cabeça por causa de mais um golpe? Não iria longe, como não tinham tido pernas as tentativas depois da morte de Getúlio Vargas, os arreganhos em Aragarças e Jacareacanga, a aventura de impedir a posse de João Goulart... (*Ibid*., p. 10)

O golpe militar parecia apenas mais um dentre tantos já vividos na história brasileira, chegando ao ponto de seus opositores sequer preocuparem-se com a possibilidade de serem enclausurados. No entanto, ao contrário do que pensavam, a ditadura militar brasileira instaurada em 1964 não foi passageira, irrelevante ou leve, como pode-se atestar nos relatos de Mário Lago. O autor carioca dedicou-se extensamente a narrar os seus primeiros momentos em um regime que durou décadas, enquanto Eneida, de modo muito sumário, apresentou apenas algumas crônicas sobre seus quatro anos de cárcere durante a Ditatura Vargas. Ambos os momentos são muito semelhantes por se tratarem de governos autoritários separados por apenas trinta anos entre eles, semelhança expressa também nas narrativas de Eneida e Lago em suas memórias biográficas acerca dos seus períodos enquanto presos políticos.

Os dois períodos ditatoriais diferenciam-se muito, principalmente quando se leva em conta o contexto de suas épocas. A Era Vargas tem início durante a tensão após a Primeira Guerra e os tratados que inflavam ainda mais a direita alemã rumo a um novo embate. Vargas, ao longo do seu período como principal regente do país, lida com a ascensão do nazifascismo, o início da Segunda Guerra Mundial, a hesitação em ingressar no combate e os momentos finais da batalha. Já a Ditadura Militar instaura-se quase vinte anos após o fim da Segunda Grande Guerra e, em meio à Guerra fria, os militares optam por ser aliados dos Estados Unidos em oposição à União Soviética, apesar das intermitências diplomáticas, dentre as quais a

Détente[2]. As ditaduras narradas por Eneida e por Lago possuíram oposições quase tão fortes quanto as suas repressões. Ambas enfrentaram revoltas armadas: as guerrilhas, no caso da ditadura, e a conhecida "Revolução de 32" contra Vargas. Tais oposições eram vistas como "ameaças" tanto aos ideais de Vargas quanto aos dos militares, e, por conta disso, acabaram sendo identificadas como as ditas "ameaças comunistas". Os guerrilheiros opositores eram vistos e tratados discípulos diretos de Stálin. O fim da ditadura de Vargas foi seguido pelo que ficou conhecido como "queremismo". Sob o *slogan* de "queremos Getúlio", apoiadores do então presidente lutavam para que Vargas continuasse no poder em 1945. A comoção não surtiu efeito direto, mas possibilitou que a carreira política de Vargas não findasse, mesmo após tanta violência, podendo ser eleito uma última vez como presidente em 1951. Já a Ditadura Militar desenvolveu uma abertura lenta e gradual ao longo de anos, principalmente no campo político, visto que até então apenas dois partidos eram legitimados pelo governo até o momento em que acontecem as "Diretas Já".

Embora diferentes, os dois regimes seguiram um padrão semelhante e característico de governos antidemocráticos. Vargas e os militares tiveram anos chamados de "mão de ferro" por causa da violência com a qual reprimiam seus opositores, agindo, principalmente, de forma autoritária e também dotados de poder centralizador. O Estado atuou na economia também de forma intensa e marcante, geralmente causando muito mais retrocessos do que avanços. Assim, são nesses dois contextos em que as duas obras são escritas, mas não publicadas. Eneida publica pela primeira vez o seu *Aruanda* em 1957, no intervalo democrático entre ditaduras. Já Mário Lago, já sendo funcionário da Rede Globo, publica o seu livro pela primeira vez em 1979, quando os militares já afrouxavam o cerco sobre os opressores.

os diferentes cárceres

Antes de adentrar na análise de como são apresentados os cárceres nas duas narrativas, é importante salientar que há uma diferença entre as duas escritas: Mário Lago escreveu seu livro exclusivamente sobre as suas prisões, já Eneida narra quase toda uma história de vida, desde os tenros

2 Palavra francesa que foi usada para expressar a gradual redução da hostilidade entre Estados Unidos e União Soviética desde a crise dos mísseis de Cuba até o fim à Guerra Fria

dias até a sua época de cronista no Rio de Janeiro. Eneida não escreve sobre a ditadura Vargas, mas o cárcere torna-se um dos pontos de sua narrativa, e, por isso, a história é abarcada pelo relato da escritora. A prisão é narrada em poucas crônicas, mas isso não significa que seja parte pequena da história da autora: ela própria aconselha a nunca esquecer o fato de que houve uma ditadura na era de Getúlio Vargas, capaz de traumatizar, torturar e matar. Assim, por mais que os períodos sejam parecidos quanto à falta de liberdade de expressão, Eneida e Mário Lago escreveram suas memórias de modos muito distintos, principalmente na perspectiva pelas quais as prisões são encaradas, também em como os autores constroem seus personagens e como fazem uso do humor. Para compor essa análise, foram estudados a obra de Mário Lago e também o conto "Companheiras" que está inserido na coletânea de Eneida.

Ao longo das muitas crônicas, Eneida flutua pela sua biografia, sendo a Era Vargas um dos momentos centrais do compilado. Há poucos capítulos em *Aruanda* (1957) que remetem diretamente a esse período, considerando que a autora permaneceu presa durante quatro anos. Uma dessas crônicas é "Companheiras" que, logo em seu princípio, mostra que a cela em que permaneceu a autora foi mais do que uma típica forma de isolamento:

> Durante o inverno a sala era tão úmida, tão fria que enregelava mãos e obrigava os pés a manter um constante sapateado: no verão a sala era quente, tão quente que parecia querer matar-nos sufocadas a qualquer momento.
> [...] Tão pequeno o espaço que possuíamos para caminhar; e o ruído dos tamancos cortava-o, ferindo o lajedo; as saudades impressas nos olhos; as constantes evocações. Quando se falava em quitutes variados, quando alguém dizia como se preparava esse ou aquele prato, podia-se olhar os olhos: estavam todos famintos. Quando se contavam passeios e se falava de mar, praia, montanhas ou planícies, podia-se ver nos olhos famintos uma ânsia de voltar à vida da cidade, da terra, do mundo. (ENEIDA, 1957, p. 104-105)

Nestes excertos, além do isolamento característico e da saudade da vida fora do cárcere, também a cela surge como um organismo vivo, atuando em favor dos opressores: o espaço descrito no texto de Eneida funciona como um mecanismo do Estado, operando para manter uma espécie de tortura térmica durante todos os momentos em que a autora está presa. Ele parece tentar matar as prisioneiras sufocadas pelo calor ou fazendo-as tremer de

frio, assim, a sala em que estavam presas assume um papel muito diferente daquele que Mário Lago apresenta.

> A cela estava ocupada por uns três ou quatro, nenhum deles meu conhecido. Eles, logicamente, sabiam quem eu era, trabalhando havia tantos anos em rádio, cabendo a mim ficar na defensiva, pois ali podia haver algum infiltrado, daqueles que se fingem de bobos ou de muito fanáticos para saber das coisas, manobra usada desde que no mundo apareceu a polícia. A conversa concorreu para derreter o gelo e meu primeiro pensamento foi o de que o golpe não seria mesmo de proporções tão grandes. Só aquele pouquinho de gente? E cela com três camas, luxo nunca dantes conhecido! Sinal de que os homens não estavam muito certos de se manterem na conquista feita. (LAGO. 2014, p.13)

O mesmo tipo de narração física da cela continua também em outro exemplo:

> Eu só torcia para não nos acontecer o mesmo que em 1948, quando éramos 25 numa cela onde não podíamos ficar deitados todos ao mesmo tempo, revezando-se a dormida ou alguns dormindo de cócoras. E no meio da noite a porta da cela se abriu, um fedor insuportável tomando conta do ar, trazido por um mendigo. (*Ibid*., p. 15).

Essa "narração física" diferencia-se muito daquela exercida por Eneida, pois o texto de Lago, em momento algum, concentra-se na cela em si, no espaço de três paredes e uma grade, mas sim no que está dentro da sala: colchões, instalações e inúmeras pessoas. Esse modo de narrar pode ser visto como uma diferença entre duas abordagens diferentes do mesmo tema: Mário Lago experimentou cadeias que compara a hotéis de luxo, enquanto a experiência de Eneida pende mais para o poético, sem deixar de enfatizar os sofrimentos. Um exemplo disso é o momento em que a autora conta o número de presas na cela em função do número de camas ou do número de problemas presentes na sala, e não pelo número de pessoas.

Essas diferentes formas de narrar ficam ainda mais evidentes quando analisamos e comparamos os tipos de humor empregados pelos dois autores: Lago, por meio do uso do deboche como forma de vingança e Eneida com comentários muito sutis e parcos que lembram a ingenuidade de quem não

conhecia a importância histórica do que estava presenciando. O humor de Lago e seu caráter vingativo também pode ser visto como uma forma de defesa contra as humilhações sofridas no cárcere que, apesar de visto com bom humor, deixou marcas. Lago, desde sua introdução intitulada "Indicações preciosas para quem não viveu aqueles dias e para os de memória fraca, que preferem esquecê-los", faz questão de marcar o tom do livro:

> [...] um dos chefes, comandante da marcha Juiz de Fora/Rio, confessou que de política nada entendia, confessando-se mesmo, nesse terreno, uma vaca fardada. Um seu colega de façanha achou graciosa essa resposta, mas (possivelmente complexo de machice), se lhe fosse dado escolher o animal (evidentemente, que a ignorância era a mesma), preferiria autoclassificar-se de touro. Um prosperíssimo banqueiro, em entrevista nos primeiros dias de abril de 1964, deixou escorregar que uma das grandes razões que o levaram a empunhar a "bandeira democrática da redentora" tinha sido o fechamento da Carteira de Redesconto do Banco do Brasil.
>
> Cada um tinha suas razões... e até hoje continuam não interessados em ouvir as razões do povo. (*Ibid.*, p.8).

Ao contar que o militar nada sabia de política, Mário Lago dá uma breve prévia de como seriam tratados os responsáveis pelo governo brasileiro ao longo de *Reminiscências do sol quadrado*: através do deboche e do desprezo para com suas atitudes. Não são poucos os trechos que poderiam ser trazidos para a análise do humor na obra de Lago, como o excerto:

> [...] Nunca se pôde apurar se realmente o censor procurou Sófocles na caixa do teatro depois da representação de Antígona. Será verdade a resposta atribuída a um engenheiro para o major que se dizia socialista: "eu sei, nacional-socialista"? Nunca se apurará ao certo onde termina a verdade e começa a vingança do bom humor brasileiro, principalmente carioca (que naquele tempo ainda éramos cariocas). Mas o que aconteceu ao Chico transborda do anedotário, porque é a burrice do que aconteceu aos montes naqueles dias. (LAGO, 2014, p. 50).

O autor não discorria apenas sobre a falta de conhecimento político ou literário. A questão à qual Mário Lago mais se atém é, principalmente, a

defasagem cultural daqueles que tomaram o poder do país à força. O excerto acima revela a falta de conhecimento de um dos militares sobre Sófocles e sua peça *Antígona*. O censor, ao que Lago dá a entender, não conhecia as peças clássicas da antiguidade e por isso cogitou a possibilidade de prender Sófocles, pensando que este seria mais um dos artistas brasileiros desenvolvendo uma encenação contra a ditadura em vigor. Mário Lago deixa claro que é impossível verificar a veracidade do caso, mas, em todo caso, o recorte está presente na obra com todas as outras passagens que se assemelham muito ao escárnio medieval, por conta das gozações e do sarcasmo em torno da figura caricatural do militar sem instrução artística. O texto subestima intelectualmente o algoz e, por meio disso, emprega um constrangimento ao opressor, vendo nisso uma forma de resistir àqueles que impõem a ordem antidemocrática. Lago luta com as armas que possui para desafiar a condição de cárcere em que se encontra.

Eneida, por outro lado, vale-se do humor em poucos momentos e constrói uma narrativa mais rígida e centrada na dificuldade das prisões, principalmente quando toma o ponto de vista de suas colegas que, teriam vivido momentos mais traumáticos do que os vividos pela narradora. Eneida partilha a cela mulheres célebres da época. Uma das principais expoentes é "Sabo Berger", nome pelo qual ficou conhecida a comunista revolucionária judia alemã Elise Saborovsky Ewert (1907-1940). A crônica "Companheiras" conta relatos de Sabo Berger sobre o que viveu nas prisões anteriores à sua chegada à cela de Eneida – junto de Olga Benário e outras vinte e poucas mulheres – evidenciando os sofrimentos que, de tão violentos, foram capazes de deixar vestígios físicos:

> Falou-nos do sofrimento, da fome e da sede que lhe haviam imposto. Falou-nos de seu companheiro e das barbaridades que ambos padeceram. Falou sempre com voz clara, precisa, serena, em tudo que passara nas prisões desta cidade. Seu corpo guardava ainda as vergastadas do chicote policial. Jogavam-na de prisão em prisão. Ora era metida em celas de prostitutas, ora no meio de ladras ou ébrias. Durante mais de dois meses sofreu humilhações físicas e morais. (ENEIDA, 1957, p. 110).

Há possibilidades de comparação entre as obras ligadas a outros dados, que explicitam diferenças presentes nas narrativas quanto aos seus momentos

críticos. Em uma de suas primeiras prisões, Mário Lago narra sua transferência em uma lancha militar para a Ilha das Flores e, atento às metralhadoras trêmulas dos guardas, um de seus companheiros acredita que eles todos serão mortos ali mesmo no mar, sem sequer um vestígio. O momento é extremamente tenso e um dos poucos instantes em que armas realmente representam um perigo para Lago, porém, seguindo o estilo da obra, a prisão revela-se repentinamente semelhante a um hotel cinco estrelas.

Nos excertos já apresentados do livro de Eneida, a diferença em comparação aos relatos de Lago fica ainda mais evidente quanto à forma de narrar o vivenciado. Não existe muito espaço para o bom humor em *Reminiscências do sol quadrado* (2014) quando aborda a prisão de Eneida e suas companheiras, tampouco há transições bruscas para aliviar a sensação de impotência contra a violência sofrida por uma colega de cela. Lago lida com a situação sempre de forma muito leve, racional e organizada, o que parece destoar de momentos de opressão. Há que se considerar o afastamento temporal desde o vivido até o momento da escrita, e, talvez por isso, Lago tende à estilização de muitos momentos, resultando disso o tom irônico, surpreendente e humorístico.

Independentemente disso resultar do recuo temporal ou de uma possibilidade de que Lago tenha sido capaz de encarar a prisão com comicidade, entre as sua obra e de Eneida há diferentes modos de enunciar e reconstruir as memórias. Em ambas as obras, a reminiscência do cárcere fica gravada no apelo humorístico de Lago e na escrita palpável, específica e detalhada de Eneida, o que acaba por conferir realismo na narração de situações traumáticas.

a narrativa do trauma e esquecimentos

Em seus ensaios "O narrador" e "Experiência e pobreza", o alemão Walter Benjamin discorre sobre dois tipos de narradores: aqueles que viajam e tem muito a contar (o marinheiro comerciante) e aqueles que ficam em suas próprias terras e delas tudo sabem (o camponês sedentário). Essa dicotomia, aos olhos de Benjamin não acometeria aqueles que retornavam da guerra, uma vez que eles eram tomados pelo silêncio e por uma incapacidade de compartilhar a experiência. Os soldados – aqui vistos como "marinheiros comerciantes" –, voltavam do *front* e não eram capazes de contar as batalhas vividas. Isso contraria a ideia de que a riqueza de experiências outros é

correlata à riqueza de relatos. Apesar que os soldados voltem pobres de comunicação à terra natal, o mercado editorial pós-guerra publica inúmeros romances frutos da criatividade de escritores que não estiveram na linha de frente e, por isso, não sentem dificuldade em relatar narrativas traumáticas.

Eneida e Lago não foram às trincheiras europeias, não lutaram em nenhuma das grandes guerras mundiais, mas o trauma exercido pelas torturas e encarceramentos é capaz de desenvolver o mesmo tipo de dificuldade em compartilhar e narrar as suas memórias. Assim, a escritora paraense parece lutar contra esse silêncio predominante e esse "não falar" do trauma pode ser confundindo com duas atitudes que Eneida insiste em refutar durante as suas crônicas: indiferença e negação. A autora não quer negar o vivido e, por isso, o seu lado mais poético desaparece nos momentos mais impactantes, como no trecho em que se contam as camas ou quando refere-se ao seu relógio de estimação. Neste momento, Eneida é firme ao falar sobre aqueles que podem vir a esquecer os malefícios de uma ditadura no Brasil.

Éramos vinte e cinco mulheres presas políticas numa sala da Casa de Detenção, Pavilhão dos Primários, 1935, 1936, 1937, 1938. Quem já esqueceu o sombrio fascismo do Estado Novo com seus crimes, perseguições, assassinatos, desaparecimentos, torturas? (ENEIDA, 1957, p. 105).

Nesse trecho não há metáforas ou aproximações com a infância, a escrita é direta em todos os aspectos. Ela diz quantas eram as mulheres (vinte e cinco), onde estavam presas (em uma sala na Casa de Detenção), especificando até o pavilhão e discorrendo, também, sobre quais foram os seus quatro anos presa. Seguindo este modo preciso, a autora provoca o leitor terá não se esquecer de um período violento na história brasileira, nomeado diretamente: Estado Novo. Este parágrafo não pode ser visto como algo solto em meio às narrações da vida no cárcere, pois Eneida escreve com o foco de quem quer denunciar de forma explícita todo o ocorrido. Quer lembrar que ela, ao lado de vinte e cinco mulheres detidas em determinada prisão, em determinado pavilhão, ficou privada da liberdade por quatro anos por conta do Estado Novo que, além de prisões, também foi responsável por assassinatos, desaparecimentos e torturas. Ao apontar o nome, a data e o local do ocorrido, a autora coopera com a luta contra o esquecimento e o negacionismo presente muito fortemente na cultura não apenas brasileira, mas latino-americana.

A luta para que atitudes antidemocráticas não caiam no esquecimento aparece também na obra de Mario Lago como crítica a um possível negacionismo que estaria por vir. Isso aparece logo nas primeiras páginas, numa seção intitulada "Indicações preciosas para quem não viveu aqueles dias e para os de memória fraca, que preferem esquecê-los". Fica claro, através dos esforços evidentes de ambos autores em frisarem suas lembranças, que, independente do período ditatorial, há uma forte tendência ao esquecimento ou, em outros casos, à amenização do ocorrido. Tanto Eneida quanto Mário Lago denunciam essa característica presente na história. Lago faz questão de mostrar que sua narrativa sobre a ditadura militar, por mais que narrada com bom humor, não deve ser esquecida, mas utilizada como um instrumento de lembrança de dias em que a liberdade de expressão estava ameaçada.

Tratando de aspectos de memória e recordação, os escritos do alemão Jan Assmann (2008) e do israelense Saúl Friedlander (2007) ajudam a elucidar a importância da memória na formação, construção e manutenção de um país. A tradição cultural de um país é passada através de gerações, enaltecendo as suas conquistas, como os mitos dos deuses gregos que ajudaram na formação e no estabelecimento de uma comunidade identitária a partir de suas crenças. Nestes casos, a memória apresenta-se como uma das principais formas de se assentar fronteiras identitárias por meio de lembranças, fazendo com que não se esqueça, na maioria das vezes, as vitórias e as superações de um povo. No entanto, a memória social não deveria ser fundamentada apenas em conquistas, mas também nos fracassos e nos erros cometidos por determinado Estado moderno. Tanto em *Religión y memoria cultural* (2008), escrito por Assman, quanto em *En torno a los límites de la representación* (2007), de Friedlander, o conceito da memória de um povo é trabalhado em contrapartida ao "não apagamento" ou esquecimento de períodos nada vitoriosos, como uma ditadura, por exemplo, onde os direitos mais básicos são negados àqueles que não se subordinam a um governo. Este material teórico nos guia a pensar como as obras de Eneida e Lago se mostram frutos de memórias traumáticas vividas por ambos autores e como o ato da verbalização acaba sendo uma conquista democrática que ambos autores alcançam.

Assmann mostra em seus escritos que os episódios traumáticos de uma nação acabam por se tornar instrumentos marcantes de coletividade na memória cultural. Em alguns casos, dois grupos diferentes marcam-se

por um mesmo trauma histórico, como os alemães e a sociedade judaica e suas atuações durante o período nazista e na Segunda Guerra Mundial. Ao passo que testemunhos de guerra começaram a ser colhidos, tanto os alemães não judeus quanto os judeus passam, cada um a seu modo, a construir uma identidade acerca do passado marcado pela violência. Em ambos os grupos, a memória dos atos atrozes perpetuou-se até os dias atuais a fim de que se evite que opressores e oprimidos um dia tornem a ocupar o mesmo papel social de outrora. A sociedade alemã como um todo, por meio de muitos instrumentos distintos, propicia oportunidades para que diariamente o período seja lembrado, buscando assim evitar o esquecimento e, por consequência, a negação do ocorrido. Tal fenômeno não ocorre na mesma medida na sociedade brasileira, principalmente quando pensamos no que Lago e Eneida escreveram acerca de sua vivência em períodos antidemocráticos. Eneida e Mário Lago, de forma direta, lutam contra um negacionismo brasileiro usando os seus testemunhos como modo de lembrar períodos da história que parecem apagar-se facilmente. Ambos justificam essa luta ao incluir passagens que incidem naqueles que, quase sem dificuldade, esquecem-se de que houve tortura, perseguição e morte durante as ditaduras brasileiras. Este esquecimento poderia ser intitulado como um "esquecimento direcionado", no qual se nega o acontecido buscando criar condições para que as opressões possam voltar a ser cometidas pela mesma camada social de outrora.

A palavra alemã *heimat* pode ser adequada para compreender os argumentos presentes aqui: em algum momento na história ela significou "casa", "lar" ou "pertencentes a este local" (algo como os cidadãos da *pólis* grega), mas, durante o crescente nazismo, o conceito acabou adquirindo novo sentido histórico. *Heimat* passara a funcionar como ferramenta de exclusão e violência contra os judeus, considerados então como não pertencentes ao lar ariano e alemão da primeira metade do século XX. Portanto, uma das soluções no combate a essa espécie de negação, além da existência de escritos como os de Lago e Eneida, que debatem períodos históricos negligenciados, seria o investimento em museus, memoriais e monumentos, afinal esses espaços tornam-se ainda mais necessários enquanto forma física e palpável de lembrar sociedades do que já fora feito e do que não se deve repetir mais.

As obras *Lembrar escrever esquecer* (2016), escrita pela suíça Janne Marie Gagnebin, e *Exílio e tortura* (1992), de Maren e Marcelo Viñar, ajudam a

corroborar esses conceitos, uma vez que ambas falam sobre torturas, exílios e as consequências de um regime ditatorial que muito semelhantes. Gagnebin apresenta o trauma como "ferida aberta na alma, ou no corpo, por acontecimentos violentos, recalcados ou não, mas que não conseguem ser elaborados simbolicamente, em particular sob a forma de palavra pelo sujeito" (2016, p. 110). Ao conceituar o conceito de Benjamin acerca do trauma e a dificuldade de transmiti-lo, a autora suíça acrescenta o conceito do "rastro" em uma nova visão, incluindo não apenas as linhas de combate, mas também campos de concentrações e ambientes de torturas. Os "rastros" seriam os documentos deixados, neste caso, escrito, sobre determinado período opressivo. Esses textos ajudariam as gerações futuras a compreender o ocorrido e também ajudariam o próprio oprimido a compartilhar seus traumas por meio da escrita. Uma ferramenta comum de regimes antidemocráticos é a busca pelo apagamento destes "rastros", como ocorre durante o nazismo que, além da câmara de gás, buscou a aniquilação e desvalorização da cultura oprimida, rasurando as contribuições e os rastros deixados pela cultura judaica.

Para compreender o conceito de trauma, o artigo "Antecedents of exposure to traumatic events and posttraumatic stress disorder" (2007), de Anthony, Breslau et al., deixa evidente que, quanto mais jovem o ser humano, maior a sua probabilidade de desenvolver estresse pós-traumático, mas isso não significa que adultos não venham a desenvolver essa patologia. Para os pesquisadores, qualquer evento marcado por violência é capaz de se transformar em uma memória custosa a ser elaborada, tanto para a vítima quanto para as testemunhas. O trauma de que trata Benjamin refere-se à linha de frente de uma guerra, mas o artigo amplia estas possibilidades traumáticas, abrangendo desde um acidente de carro até a descoberta de um corpo morto. Assim, as experiências de Eneida e Mário Lago podem ter sido tão profundas e traumatizantes quanto as dos soldados emudecidos pelos traumas referidos por Benjamin, já que viveram prisões violentas, ameaças verbais e a morte de conhecidos. Com base nesse escopo, a ideia de trauma de Benjamin também poderia ser aplicado às vítimas das ditaduras analisadas aqui.

Mesmo que de formas distintas, Eneida e Mário Lago escrevem para verbalizar as suas trajetórias na tentativa de elucidar os próprios traumas, publicando-os com anos de distância da experiência. Ao elaborar seus "rastros" com

intervalos de décadas, Eneida e Lago enfrentam tipos de apagamento e o emudecimento que se relacionam com uma das hipóteses levantadas por Gagnebin, segundo a qual afirma que pode haver a negação do ocorrido por parte das autoridades responsáveis. Em uma ditadura, há um jogo cruel em que tanto o opressor quanto aquele que deveria manter a ordem e a segurança individual (ou a independência e singularidade como diz Maren Viñar) compõem uma unidade, portanto, não há a quem recorrer em casos de abusos ou desvios. Assim, ao legitimar-se a autoridade através de uma lei que se confunde grotescamente com o carrasco, a censura e o negacionismo passam a ser um cotidiano nestes tipos de regime.

Não raro ainda são criadas leis de anistia que acabam por privilegiar o opressor, negando justiça às vítimas, uma vez que há uma espécie de "pacto" para que se esqueça todo o ocorrido. Cria-se imunidade para atos violentos e torturadores saem ilesos de qualquer implicação penal. Maren e Marcelo Viñar são ainda mais enfáticos quando pensam nas consequências da tortura nas dimensões social, psicológica e física. O estudo dos Viñar debate a solidão e o exílio interior sofrido pelo indivíduo durante momentos no cárcere à mercê de regimes antidemocráticos, ligando-os a estudos psiquiátricos. Com base nisso, é possível compreender melhor a colega de cela de Eneida, que acorda todas as noites na hora em que costumava sofrer abusos. O escrito, foca exclusivamente no torturado, e discorre sobre as "explosões" ocorridas naquilo que constitui o sujeito e sua singularidade, onde o "eu" deixa de existir e, segundo um dos relatos, o próprio corpo parece não mais pertencer à vítima, pois há uma eterna perspectiva de renovação da dor por meio de torturas futuras. Os relatos da cela, que esfriava e esquentava, davam a entender que os intervalos, em temperaturas agradáveis, eram ainda mais dolorosos do que quando nas temperaturas dilacerantes. Ou seja, em momento algum, segundo os relatos trazidos por Vinãr, havia descanso verdadeiro, sendo a alucinação, para muitas dessas vítimas, uma fuga do horror, ou um mergulho nele. Maren Viñar relata que, como analista, sentia-se num necrotério quando incitava a lembrança de seus pacientes sobre suas torturas.

Mário Lago não mostra algum tipo de dor como aquelas descritas por Viñar. Em *Reminiscências do sol quadrado* (2014), pelo contrário, há vida, humor, rebeldia e consciência. Lago parece ter conhecimento que sua integridade poderia ser preservada pela sua posição social de personagem midiático da

capital carioca. Lago reconhece que, enquanto ele estava na cadeia "doce de coco", estudantes seriam mortos, camponeses torturados e a liberdade de imprensa seria apenas uma lembrança dos primeiros anos da ditadura. Mesmo assim, Lago escolhe transmitir sua experiência, transmitir seus relatos de tempos ditatoriais em que ainda era possível fazer piada com os militares como rebeldia e forma de protesto.

Já Eneida não encara o cárcere do mesmo modo, mas, semelhantemente às experiências vistas em Viñar, tem sua vivência marcada no corpo com cicatrizes dos abusos, traumas e feridas abertas, tanto nela própria como no corpo de suas companheiras. Seu relato fala de seus traumas familiares, suas torturas sofridas e sua constante busca por união. É possível que a autora tentasse elucidar os próprios traumas, uma vez que o livro, não se pretende uma denúncia da ditadura Vargas, mas um conjunto de memórias. No entanto, aos poucos aparecem momentos de cárcere que, de súbito, tomam o centro da narrativa. Em *Aruanda* (1957) não há esquecimentos, há a constante lembrança daquilo que ocorreu e de seus responsáveis.

O negacionismo, muitas vezes, parte daqueles que ditaram as regras durante os períodos antidemocráticos. Neste sentido, é importante lutar contra emudecimento de quem volta de uma batalha. Falar sobre o ocorrido, de acordo com Benjamin, não é um processo natural e, acima de tudo, é um processo árduo por parte de que o experienciou. Entretanto, muitas vezes opressores acabam por se beneficiar desse silêncio. A literatura de denúncia é uma das formas de lutar contra o apagamento dos "rastros" de quem volta de torturas, campos de concentração ou até de trincheiras. Nesse sentido, revela-se muito significativo o episódio em que Eneida percebe a dificuldade da empregada doméstica Clócló em comprar um terreno de forma legal, que o jogo social de opressores e oprimidos se mantém, de modo que, mesmo após a restauração da democracia, as desigualdades continuam tão solidificados quanto antes.

Ambos os textos, por mais que revelem importantes recortes históricos brasileiros, ainda não são canônicos. Por mais distintas que sejam as duas memórias, Lago e Eneida escolheram lembrar a si mesmos e ao público que o esquecimento e a negação podem ser as maiores vitórias dos regimes autocráticos. A reminiscência dos erros destes períodos de pouca liberdade pode vir a ser um dos maiores aliados da democracia, visto que seriam um constante alerta para que retornem as práticas capazes de infligir sofrimento

e trauma a quem discorda de seus ideais. Assim, percebemos como tornam-se mais e mais importantes e necessários os relatos de Eneida e Lago como forma de compartilhar, lidar com o trauma e também como forma de denunciar aquilo de que se esquece de forma rápida, gradual e passiva.

referências bibliográficas

ANTHONY, J. C., BRESLAU, N., IALONGO, N. S., STORR, C. L. Antecedents of exposure to traumatic events and posttraumatic stress disorder. In: *The American Journal of Psychiatry,* n. 164, v. 1, 2007, p. 119-125.

ASSMANN, Jan. *Religión y memoria cultural. Diez estudios*. Trad. de Marcelo G. Burello e Karen Saban. Buenos Ayres: Lilmod, Libros de la Araucaria, 2008.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: _____. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. V. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ENEIDA. Aruanda. José Olympio: Rio de Janeiro, 1957.

FRIEDLANDER, Saul (Org.). *En torno a los límites de la representación*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes Editorial, 2007.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

LAGO, Mário. *Reminiscências do sol quadrado* (recurso eletrônico). Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

VIÑAR, Maren; VIÑAR, Marcelo. *Exílio e tortura.* Trad. de Wladimir Barreto Lisboa. São Paulo: Escuta, 1992.